

DIORAMA
ALEXANDRE FARTO
AKA
VHILS

Vera Cortês – Agência de Arte
Inauguração: Sexta, dia 1 de Junho, às 22h
2 Junho – 31 Julho 2012
Terça a Sábado das 14h às 19h

TEXTO POR DAVID BARRO

Na arquitectura actual habita um certo deslumbramento pelo tempo e pelo espaço, em que tudo parece acontecer em todo o lado, quase em simultâneo. O efémero e transitório ergue-se como protagonista do estado fluido de uma vida que muda constantemente de pele na ânsia pelo novo. Nada parece vincular-se a um lugar concreto e há muito que as cidades deixaram de ser um lugar estável ou de ter uma forma claramente determinada. E muito menos um movimento coerente. Crescemos mal e rápido demais. O suburbano transbordou e a cidade desapareceu enquanto unidade. Como na arte, uma realidade substitui outra, ocultando coisas, deixando de mostrar alguns fragmentos.

Perante esta situação, muitos artistas trataram de reflectir sobre como este meio urbano nos influencia na formação da nossa identidade, seja ela individual ou colectiva. E também sobre a sua condição de suporte para a protecção das nossas utopias e aspirações. De entre eles, poucos conseguiram apreender como Alexandre Farto, também conhecido por VHILS, esse estado turbulento na sua obra, destilando essas reflexões sobre o mutante a partir de uma obra capaz de manobrar e expressar-se com uma potência plástica esmagadora.

Tendo o graffiti como a sua primeira base artística, Alexandre Farto encontrou no stencil uma ferramenta capaz de abrir novos caminhos e uma versatilidade capaz de expandir as possibilidades do desenho e do pictórico a diferentes contextos, primeiro a partir de cartazes arrancados na rua para trabalhar a sua transformação e, mais tarde, trabalhando diversas possibilidades de desocultação e revelação, tal como a escavação de paredes ou, nesta segunda exposição individual na Agência de Arte Vera Cortês, a partir de rostos formados por planos de cidades que mostram a insustentabilidade do seu desenvolvimento descontrolado das últimas décadas.

Tal como nos seus murais, na série *Diorama* o artista justapõe duas realidades tão abstractas como figurativas na sua descontextualização. Algo como uma turbulência que sujeita a ciência a ligações aleatórias de todo o tipo entre diversas áreas. A ciência avança a partir do imprevisível e do inesperado. Como na obra de Farto, a ciência desafia o bom sentido e a rígida ordem convencional para propor a desordem da poesia, ou seja, o acaso e a excepção. A sua obra funciona como um turbilhão, como preordenação das coisas e é capaz de funcionar como ordem sobre a desordem. Neste caso, a ordem proposta pelo artista implicaria um fôlego de humanidade. Notamo-lo nos desenhos dos seus murais, onde o desocultar é um exercício de memória, que emerge através da forma e do conceito. Se numa cidade as pessoas se dissimulam perante a monumentalidade das suas próprias criações, a artista procura potenciar o contrário, que essa matéria sem vida não diminua os seus criadores que emergem com uma monumentalidade capaz de competir na

sua visibilidade com o paradoxalmente desumano dessas arquitecturas. É como se esses restos, ainda que fazendo parte do público, da memória urbana, fossem uma espécie de ruína do íntimo, para além de uma espécie de ruína histórica. Assim como se quisesse dar razão a Ernst Jünger quando este afirma que é nos resíduos que hoje em dia se encontram as coisas mais proveitosas.

Como em quase todas as suas obras, o mais interessante da série *Diorama* encontra-se na habilidade manobrar os tempos de recepção do espectador. O primeiro momento, muito visível, mas vinculado à técnica, ao método. O seguinte, mais subtil, tem mais a ver com o processo e com o tempo, com a desconstrução destrutiva daquilo que flui como resto de um modo natural. É, por isso, uma interrupção da realidade em si, do seu tempo e do seu espaço. Mas o jogo de ancas não é necessariamente uma ruptura da sua continuidade. Seria mais uma elipse ou essa necessidade contemporânea de acidentar, de transformar em fragmento. No caso de Alexandre Farto o acontecimento tem lugar na acidentalidade, no preciso instante do impacto, da eclosão. Como a grande estrutura imersa do iceberg; só à distância e na perversão de um olhar sublimado atendemos à dramaturgia da cena, mas também à sua humanização, à sua possibilidade íntima.

Alexandre Farto confessa por vezes ter presenciado na infância a dissimulação paulatina da publicidade capitalista sobre os velhos murais políticos nas ruas de Lisboa. Essa ambivalência visual entre o decadente e a ostentação serve de precedente real para um trabalho que é, na sua essência, arqueológico, na medida em que omite diferentes ruídos temporais que permitem a emergência da memória. Essa deriva até à destruição como possibilidade construtiva, como refundação, leva-me a pensar em escritos como os de Marguerite Yourcenar e no tempo como o grande escultor de uma matéria accionada pelo tempo. Também na sensação de estar imerso numa busca que nasce do mesmo apagamento, como um graffiti em forma de palimpsesto, que em grego significa “raspado de novo”. Chama-se *palimpsesto* ao manuscrito que conserva marcas de outra escritura anterior na mesma superfície, ainda que apagada expressamente para dar lugar àquela que agora existe. Alexandre Farto parte do acto contrário, e fá-lo dando espaço ao acaso, àquilo que não se pode controlar de todo, em suma, para que o tempo actue.

Desconheço se Antonioni faz parte das suas preferências, mas tudo isto evoca a essência do seu cinema, esvaziando o plano, saturando-o, fazendo desaparecer personagens, criando espectros em espaços órfãos de presença e tornando densa a ausência. Nada mais claro que um eclipse. Que implica uma janela. Movimento congelado, situação sem acção. Alexandre Farto, tal como Antonioni, defende o transitório da existência, a precariedade, o desgaste do resto. O residual serve de motor para reclamar a habitabilidade dos espaços, esses espaços ociosos ou vazios dos quais fala Bachelard; o desolador. Essa natureza efémera do residual das ruas de uma cidade fala-nos metaforicamente da gente que por lá passa, do seu estado de espírito virtual.

Nesse sentido, é significativo que Alexandre Farto complete esta exposição com três obras realizadas nas ruas de Lisboa. É uma exposição do acaso, da demolição social que permanece, quase sempre, invisível. Mas, acima de tudo, é uma forma de significar a arte como processo crítico real, como lugar para a confrontação, como evidência simbólica da perda e da nossa impossibilidade de acompanhar as transformações.

Diorama
Alexandre Farto
AKA
Vhils

Vera Cortês – Agência de Arte

Inauguração: Sexta, dia 1 de Junho, às 22h

2 Junho – 31 Julho 2012

Terça a Sábado das 14h às 19h

TEXTO POR MIGUEL MOORE

Todo o ser humano é, em última análise, produto do meio onde vive. Mas esta relação causa-efeito actua em dois sentidos e, por conseguinte, todo o meio é, também ele, reflexo daqueles que o habitam. Esta é a premissa fundamental subjacente a *Diorama*.

Diorama é um jogo de projecção que tem como raiz a realidade da cidade contemporânea e o presente modelo de desenvolvimento sócio-económico que a sustenta. Na maquetização da sua tridimensionalidade encontra-se expressa a complexa teia de influências recíprocas que dá forma e substância à relação entre cidade e cidadão, entre meio e ser humano, entre espaço e pessoa. *Diorama* é uma réplica representativa, um modelo de escala que permite um afastamento perspéctico e possibilita uma leitura abrangente e panorâmica dos contextos urbanos em que vivemos e deste processo de moldagem recíproca.

No trabalho de Alexandre Farto (n. 1987), que também assina sob o nome de Vhils desde que começou a intervir no espaço urbano no início da década de 2000, *Diorama* representa uma nova reflexão estrutural na contemplação da cidade, seguindo a linha da narrativa visual que o autor tem desenvolvido desde que iniciou a série *Scratching the Surface*, em 2007. Esta, fortemente alicerçada numa reflexão crítica, mas profundamente interessada, sobre a vivência no meio urbano, tem-se concentrando em sublinhar e expor a dimensão sombria que se encontra por detrás do presente paradigma de desenvolvimento e as aspirações materiais que ele encerra – em tudo insustentável, contudo inebriante.

Diorama oferece assim uma reflexão sobre jogos de luz e sombra na criação da imagem, sobre exercícios de contraste na construção das formas, sobre dimensão e profundidade num espaço compacto e representativo. Na linha de trabalho que Alexandre Farto tem seguido, oferece igualmente uma reflexão dicotómica sobre realidade e ilusão, sobre o natural e o artificial, sobre as virtudes e os defeitos do corrente modelo civilizacional.

Ao contrário de *Scratching the Surface*, porém, *Diorama* reorienta este posicionamento perspéctico e apresenta uma diferenciação em termos formais face ao trabalho iniciado na série anterior. Se até aqui as paredes e demais superfícies eram apenas desbastadas e esculpidas em baixo-relevo, *Diorama* oferece também uma expansão, uma projecção das superfícies para fora, onde textura, forma e volumetria se coadunam de modo a criar uma nova proposta dimensional.

Os vários núcleos de peças que formam *Diorama* enfatizam igualmente este contraste de técnicas e suportes, um reflexo da própria multiplicidade de planos

em que a cidade opera. Se por um lado continua a sublinhar a dimensão do negativo através das técnicas de subtracção a que nos tem habituado, por outro, Alexandre Farto oferece agora também uma aproximação ao positivo, realçando a conexão existente entre ambos. Esta dupla reflexão é também enfatizada pela sua prática em trabalhar tanto em ambientes externos como internos, com recurso a materiais que a própria cidade fornece, trabalhados em articulação com o contexto que se encontra a explorar.

Se os rostos com que somos confrontados nas peças em esferovite, madeira ou metal oferecem uma sublimação da essencialidade individual face à complexidade do meio plural, as peças em aglomerados de cartazes recriam elas próprias a saturação visual que provém dessa pluralidade do espaço público, explorando as noções de comunicação e ruído, imposição e partilha. Se as peças em esferovite visam expressar a equação do todo versus as partes, a interconexão entre indivíduo e cidade, os cartazes com padrões, grafias individuais, *letterings* comerciais, imagens e composições expressam a identidade visual da cidade contemporânea, onde a sobreposição de camadas contrastantes resulta no desenvolvimento de um diálogo involuntário criado por gestos anónimos. Se as portas de madeira representam a oposição/ligação existente entre espaço exterior e interior, entre as esferas do público e do privado, as peças em metal corroído reflectem o modo como o processo de desgaste e degradação, usados como método de criação, realçam a importância da transformação natural, da natureza efémera subjacente a toda a realidade material.

Comum à exploração visual de Alexandre Farto é o recurso a estes meios técnicos abrasivos e destrutivos enquanto processos de transformação material, numa dupla alusão tanto à prática destrutiva-criativa do graffiti, quanto ao modo como a própria cidade está dependente do recurso a processos destrutivos para encetar novos ciclos de criação.

No seu conjunto, as peças que compõem Diorama oferecem uma reflexão incisiva sobre questões que têm sido recorrentes e transversais ao trabalho de Alexandre Farto, como as noções de urbanidade, desenvolvimento, consumismo, desperdício e as suas consequências no decurso da narrativa humana. Diorama é, deste modo, tanto uma expressão de afecto pelo espaço urbano como uma reflexão crítica ao mesmo, num claro gesto de valorização poética da identidade individual.

DIORAMA
ALEXANDRE FARTO
AKA
VHILS

Vera Cortês – Art Agency

Opening: Friday, June 1, 10 pm

June 2 – July 31 2012

Tuesday – Saturday, 2 – 7 pm

TEXT BY DAVID BARRO

A certain collapsing of time and space inhabits contemporary architecture, where everything appears to happen everywhere and simultaneously. The ephemeral and the transitory emerge as the protagonists of the fluid state of a life that constantly changes skin in its anxieties for the new. Since long, nothing appears to be linked to a specific place and cities ceased to be stable places or to have a clearly determined form, much less a coherent movement. We have grown badly and too quickly. The suburban sprawl has spilled out and the city as a unit has disappeared. As in art, one reality replaces another, hiding things, ceasing to show certain fragments.

With this situation in mind, many artists have tried to reflect on the way in which this urban medium influences us in confirming our identity, whether it be individual or collective, as well as on its condition as a support on which to project our utopias and aspirations. Among them, few have managed to pin down this turbulent state in their work as successfully as Alexandre Farto, a.k.a. VHILS, distilling these reflections on the protean through work that is able to handle and express itself with overwhelming visual power.

Initially working as a graffiti artist, Alexandre Farto found in the stencil a tool that was capable of opening up new paths and a versatility that was able to expand the possibilities of drawing and the pictorial to different contexts. He began by working to transform posters ripped from the street and subsequently shifted his attention to various possible forms of deconcealment and revelation such as the excavation of walls or, as in this second solo exhibition at the Vera Cortês Art Agency, faces formed by urban surfaces that reflect the unsustainable nature of the uncontrolled development of cities over the past decades.

As in his walls, in the *Diorama* series he juxtaposes two realities that are just as abstract as figurative in their decontextualisation. Something like a form of turbulence that imposes on science all kinds of aleatory connections between various areas. Science advances on the basis of the impredicable and the unexpected. As in the work of Farto, science challenges common sense and rigid conventional order so as to propose a disorder of poetry, that is, of chance and the exception. Alexandre Farto's work operates like a whirlwind intent on pre-ordering things and is capable of functioning like order over disorder. In this case, the order proposed by Farto would involve a breath of humanity. We notice it in his wall drawings, where deconcealing is an exercise in memory, which emerges in form and concept. If, in a city, the people get hidden beneath the monumentality of their own creations, the artist seeks to develop the contrary; to prevent this lifeless matter from dwarfing its creators, who emerge with a monumentality that allows them to compete, in their visibility, with the paradoxically inhuman nature of these

constructions. It is as if these remains, while forming part of the public domain, of urban memory, were a sort of ruin of the intimate, beyond a sort of historic ruin. Almost as if he wished to confirm Ernst Jünger's belief that the most useful things nowadays are found in remains.

As in almost all of his works, what is most interesting about the *Diorama* series lies in the skill that allows him to handle two times of reception in regard to the spectator. The first, which is very visible, is more closely linked to technique, to method. The second, which is more subtle, has more to do with the process and time, with the destructive decomposition of what naturally flows as remains. It is therefore an interruption of reality itself, of its time, its space. But this dodging game is not necessarily a rupture of its continuity. Rather, it is an ellipsis or that contemporary need to crash, to transform into fragments. In Farto, the event takes place in accidentality, in the precise instant of the impact, the eclosion. Like the great immersed structure of the iceberg, only from a distance and with the perversion of a sublimated gaze do we attend to the drama of the scene as well as to its humanization, its intimate possibility.

On occasion, Alexandre Farto has confessed how, as a child, he watched capitalist advertising gradually covering up the old political murals on the streets of Lisbon. This visual ambivalence between the decadent and ostentation serves as a real precedent for a work which, in essence, is archaeological in that it omits the distinct temporal sounds that allow memory to emerge. This drift towards destruction as a constructive possibility, as an act of relaunching, leads me to think of the writings of Marguerite Yourcenar and of time as a great sculptor of matter worked on by time. It evokes the feeling of being immersed in a search that is born from this very act of rubbing out, like graffiti in the form of a palimpsest, which in Greek means '*rubbed out again*'. Palimpsest is the name given to the manuscript that retains traces of other, earlier writing on the same surface, although it has been deliberately rubbed out to make way for what now exists. Alexandre Farto takes the opposite act as his starting point and does so by leaving room for chance, for what cannot be completely controlled, in short, so that time may act.

We do not know whether Antonioni bears any influence here, but all this seems to evoke the essence of his cinema, emptying the shot, saturating it, making characters disappear, creating ghosts in spaces bereft of presence and making absence dense. There is nothing clearer than an eclipse. That involves a window. Frozen movement, a situation without action. Like Antonioni, Farto champions the transitory aspect of existence, precariousness, the wearing away of remains. The residual serves as the engine by which to reclaim the inhabitability of spaces, those empty spaces of which Bachelard speaks; bleakness. This ephemeral nature of the residue of a city's streets metaphorically speaks to us of its people, of their virtual state of mind.

In this respect, it is significant that Alexandre Farto is finishing off this exhibition with three works executed on the streets of Lisbon. It is an exhibition of the accident, of the social demolition that almost always remains invisible. But above all it is a way of expressing art as a real critical process, as a site of confrontation, as symbolic evidence of loss and our inability to keep up with change.

Diorama
Alexandre Farto
AKA
Vhils

Vera Cortês – Art Agency

Opening: Friday, June 1, 10 pm

June 2 – July 31 2012

Tuesday – Saturday, 2 – 7 pm

TEXT BY MIGUEL MOORE

Every human being is, ultimately, a product of his environment. But this cause-and-effect relationship acts in two directions and, therefore, every environment is also a reflection of those who inhabit it. This is the fundamental premise behind *Diorama*.

Diorama is a game of projection which has at its root the reality of the contemporary city and the present model of socio-economic development that sustains it. In the modelling of its three-dimensionality is expressed the complex network of reciprocal influences that give shape and substance to the relationship between city and citizen, between environment and human being, between space and person. Diorama is a representative replica, a scale model that enables a perspectival distancing and allows a comprehensive and panoramic reading of the urban contexts in which we live and of this process of reciprocal moulding.

In the work of Alexandre Farto (b. 1987), who also signs his work as Vhils since he started leaving an imprint on the urban environment in the early 2000s, *Diorama* represents a new structural reflection in the contemplation of the city, in line with the visual narrative the author has been developing since starting the *Scratching the Surface* series in 2007. This narrative, heavily based on a critical, yet deeply interested reflection on the living experience in the urban environment, has been focusing on highlighting and exposing the sombre dimension that lies behind the current paradigm of development and the material aspirations it encompasses – unsustainable, yet inebriating.

Diorama thus offers a reflection on the interplay of light and shadow in the creation of the image, on exercises of contrast in the construction of shapes, on dimension and depth in a compact and representative space. In line with the work Alexandre Farto has been following, it also offers a dichotomous reflection on reality and illusion, on the natural and the artificial, on the virtues and the defects of the current civilisational model.

Unlike *Scratching the Surface*, however, *Diorama* redirects this perspectival positioning and presents a differentiation in formal terms regarding the work begun in the previous series. If up to here walls and other surfaces were only carved and sculpted in low-relief, *Diorama* also offers an expansion, a projection of the surfaces towards the outside, where texture, form and volume come together so as to create a new dimensional proposition.

The different typologies of pieces that form *Diorama* also emphasise these contrasting techniques and media, a reflection of the very multiplicity of levels in which the city operates. If on the one hand he continues to highlight the dimension

of the negative through the techniques of subtraction he has accustomed us to, on the other Alexandre Farto now also offers an approximation to the positive, enhancing the connection which exists between the two. This dual reflection is also emphasised through the artist's practice of working both outdoors and indoors, with recourse to materials the city itself supplies, worked in connection with the context he is exploring.

If the faces we come across in the pieces in styrofoam, wood or metal offer a sublimation of the individual essentialness in the face of the complexity of the plural environment, the pieces in the agglomerates of poster ads recreate the visual saturation that comes from the plurality of public space, exploring the notions of communication and noise, imposition and sharing. If the pieces in styrofoam aim to express the equation of the whole versus the parts, the interconnection between individual and city, the posters with patterns, individual scripts, commercial lettering, images and compositions express the visual identity of the city, where the overlapping of contrasting layers results in the development of an involuntary dialogue created by anonymous gestures. If the wooden doors represent the opposition/connection between outside and inside, between the public and private realms, the pieces in corroded metal reflect the way in which the process of abrasion and deterioration, used as a method of creation, highlight the importance of natural transformation, of the ephemeral nature that underlies all material reality.

Common to Alexandre Farto's visual exploration is the recourse to these abrasive and destructive technical means as processes of material transformation, in a dual reference to both the destructive-creative practice of graffiti, and to the way in which the city itself is dependent on resorting to destructive processes to engage in new cycles of creation.

Taken as a whole, the pieces that compose *Diorama* offer an incisive reflection on issues that have been recurrent and transversal to Alexandre Farto's work, such as the notions of urbanity, development, consumerism, waste, and their consequences on the course of the human narrative. In this way, *Diorama* is both an expression of affection for and a critical reflection on the urban environment, in a clear gesture of poetic appraisal for individual identity.